

Há sempre alguém que regressa

O povo unido jamais será vencido», gritaram centenas de pessoas mal os viram à sala do aeroporto da Portela. O poeta Manuel Alegre e o jornalista Piteira Santos haviam acabado de chegar a Lisboa, num voo vindo de Madrid, quando ouviram as palavras de ordem que, por essa altura, ecoavam nas manifestações que celebravam a Revolução por todo o País. Familiares e amigos esperavam-nos: os escritores Maria Lamas, Manuel da Fonseca e Mário Dionísio, os advogados Sottomayor Cardia, Fernando Ramos da Costa e Salgado Zenha, entre muitos outros.

Cansados e comovidos, os dois membros da Frente Nacional de Libertação Patriótica e diretores da Rádio A Voz da Liberdade tinham estado exilados na Argélia durante mais de uma década. Manuel Alegre participara numa tentativa de revolta militar, em Angola, para onde havia sido mobilizado em 1961. Muitos dos seus livros e poemas estavam proibidos. O jornalista Fernando Piteira Santos, ex-membro do Comité Central do PCP e subscritor do «Programa para a Democratização da República», redigido em 1961, colaborara no Golpe de Beja, a 1 de janeiro do mesmo ano, uma tentativa falhada de derrubar o regime de Salazar, dirigida pelo capitão Varela Gomes. Estavam exilados mas não afastados do País: A Rádio Voz da Liberdade, que emitia a partir de Argel, divulgava as notícias que a censura em Portugal não deixava passar.

«O Exército escreveu uma página importante na História de Portugal. Importa agora é que o Exército não volte para a caserna», afirmou Piteira Santos, na curta conferência de imprensa improvisada, ainda no interior do aeroporto. «Como militantes partimos, como militantes voltámos», acrescentou Manuel Alegre, fazendo o «V» de Vitória, que, por esses dias, já se transformara também no símbolo do MFA (Movimento das Forças Armadas). ▣



Francisco Ramos da Costa

Mário Sottomayor Cardia

Maria Lamas



Manuel Alegre



Fernando
Piteira Santos



João Fiadeiro e irmã,
netos de Stella Piteira
Santos, mulher
de Fernando Piteira
Santos